

São Paulo, 30 de julho de 2012  
**As duas faces das revoluções**

Por Alexandre Yokote

Após assistir a brilhante cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de 2012, escrevo este artigo para puxar uma reflexão.

Não é uma reflexão sobre custo frente ao período de crise e recessão pelo qual passam, apesar da cerimônia ter custado cerca de 27 milhões de libras, pouco comprado aos gastos de Pequim. Também não vamos falar sobre as despesas de quase 1 milhão de reais com a comitiva brasileira, não de atletas, mas sim da Presidência da República. Poderíamos falar do gasto estimado de 30 bilhões de reais para todo o evento, considerando a recuperação de áreas degradadas e contaminadas, melhoria da infraestrutura de transportes e recepção turística, posso falar pessoalmente pois estive em Londres a 1 anos atrás, mas o assunto deste artigo são reflexões sobre a história.

A cerimônia contou com a direção do diretor de cinema Danny Boyle, reconhecido pela pegada musical em fusão com o ritmo acelerado dos personagens. O contexto foram as revoluções, em destaque a Industrial.

No início presenciamos uma vila campestre em ritmo calmo e amigável, inclusive com animais de verdade, nuvens brancas planando no céu, trovadores e sorrisos no rosto. Esta fase, pós peste negra e que foi até o século 18, mostrava uma comunidade com limitações em produção, natureza menos degradada, mas principalmente uma relação de amizade, onde as pessoas eram “vizinhas” e faziam parte de uma “comunidade”. Com a revolução industrial, o contexto passa a mudar, o ritmo de acelera, o número de pessoas aumenta, o verde é trocado por cinza e as nuvens por fumaça. A face das pessoas (excluindo os cartolas) agora sem sorriso, mostram a sujeira de fuligem e o cansaço. As pessoas estão unidas, mas não como comunidade e sim como elementos de uma força motriz num sistema de produção industrial.

Este é o cenário de nossa primeira reflexão do paradoxo desenvolvimentista. A revolução industrial trouxe capacidade de produção em massa e inovações inclusive na medicina, aumentando as condições de se atender com alimentos e trabalho mais pessoa, além de medicamentos. Por outro lado aumenta-se a poluição e o trabalho insalubre e novas doenças e questões sociais surgem. Afinal, em que época se tinha melhor qualidade de vida? Antes ou depois da Revolução Industrial? O povo ainda vive este dilema, por exemplo no nosso sertão nordestino.

Depois da revolução industrial, tivemos ainda as inúmeras evoluções e revoluções culturais, destacado na cerimônia pelas músicas. E Por fim tivemos a revolução digital.

O ambiente continua em degradação, mas nos últimos 30 anos nós começamos a valorizar o meio ambiente, cada dia mais e mais. Talvez isso seja um reflexo da geração. A geração pós guerra, os chamados baby boomers, tinham a preocupação em construir algo neste pós guerra e provisionar recursos para dificuldades futuras. Eram e são uma geração trabalhadora, que de um lado bom buscam a produtividade, por outro lado, deixavam de lado as questões ocupacionais e ambientais. A geração Y, filhos e netos do baby boomers, são diferentes. Eles são movidos por desafios. Tratam-se de uma geração mais consumista, mas que ao mesmo tempo busca uma qualidade de vida melhor nos aspectos ocupacionais e ambientais. Ambas as gerações vivem e viviam paradoxos sobre a busca da qualidade de vida. A pirâmide motivacional de Maslow ainda é válida, mas a valorização dos elementos da base vivem sofrendo revoluções. A revolução digital mudou o poder da informação, elas estão mais difundidas, porém a velocidade da informação virou elemento crítico de poder e as relações interpessoais foram trocadas do face a face para o teclado.

# Newsletter



Por último gostaria de destacar que depois da revolução industrial, passamos por várias fases de fortalecimento da minoria e da classe trabalhadora, por meio de sindicatos e confederações, além é claro de maior poder e autonomia para o sexo feminino.

Acreditava-se que a globalização e a estabilidade econômica, além do fim do comunismo soviético tivessem reduzido o risco de mobilizações populares com tumulto, mas nestes últimos tempos o risco foi se elevando, inclusive as apólices de seguros com cobertura a perdas por tumultos ficaram bem mais caras. Presenciamos greves e mais greves nas grandes obras de infraestrutura aqui no Brasil, com casos sérios como as de Jiraus em 2011 e 2012 resultantes em incêndios, crimes e danos a pessoas e patrimônio. Também assistimos uma série de revoltas populares com destituição de governos no Oriente Médio.

O povo continua unido. Com a internet a mobilização é facilitada e as informações fluem com velocidade "on line". As mobilizações populares ficam maiores e são globalizadas. Nos resta agora nos mobilizar mais para uma revolução socioambiental pela economia verde, afinal a Rio + 20 parece ter passado em branco e hoje já está esquecida.

Para a Copa 2014 e Olimpíadas 2016 aqui no Brasil, devermos monitorar para que sejam exemplos de ecoeficiência, respeito, ética e que tragam um legado à sociedade.